

A América de **Philip Roth** 1

Tradução Rubens Figueiredo



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2018 by Philip Roth
American Pastoral © 1997 by Philip Roth
I Married a Communist © 1998 by Philip Roth
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou
em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULOS ORIGINAIS

American Pastoral

I Married a Communist

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Victor Burton

FOTO DE CAPA

<completar>

REVISÃO

Angela das Neves

Jane Pessoa

Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Roth, Philip, 1933-2018.

Coleção A América de Philip Roth / Philip Roth ; tradução
Rubens Figueiredo, Paulo Henriques Britto. — 1ª ed. — São
Paulo : Companhia das Letras, 2018.

Conteúdo: Pastoral americana — Casei com um comunista
vol. 1. A marca humana — Complot contra a América vol. 2.
Título original: American Pastoral, I Married a Communist,
The Human Stain, The Plot Against America.

ISBN 978-85-359-3162-4

1. Ficção norte-americana I. Título.

18-19433

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Iolanda Rodrigues Biode – Bibliotecária – CRB-8/10014

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

Pastoral americana, 7

Casei com um comunista, 421

Pastoral americana

Para J. G.

*Dream when the day is thru,
Dream and they might come true,
Things never are as bad as they seem,
So dream, dream, dream.*

Johnny Mercer,
de “Dream”, canção popular na década de 1940

a rara ocasião em que o esperado acontece...

William Carlos Williams,
de “At Kenneth Burke’s Place”, 1946

I. Paraíso relembrado

1.

O Sueco. No tempo da guerra, quando eu ainda era um estudante da escola primária, esse era um nome mágico nos arredores de Newark, mesmo para os adultos, havia apenas uma geração transferidos do gueto da velha rua Prince, no centro da cidade, e ainda não tão perfeitamente americanizados a ponto de ficarem deslumbrados com a destreza de um atleta da escola secundária. O nome era mágico; bem como o rosto anômalo. Entre os poucos estudantes judeus de boa compleição física em nossa escola pública secundária frequentada predominantemente por judeus, nenhum possuía nada sequer remotamente parecido com a máscara viquingue implacável e a mandíbula enérgica daquele louro de olhos azuis nascido em nossa tribo com o nome de Seymour Irving Levov.

O Sueco brilhava como ponta no futebol americano, meio de campo no basquete e primeira base no beisebol. Só o time de basquete valia alguma coisa — venceu duas vezes o campeonato da cidade, ocasião em que ele foi o cestinha do torneio — mas, contanto que o Sueco brilhasse, a sorte de nossas equipes esportivas não tinha muita importância para um corpo de alunos cujos responsáveis, em sua vasta maioria muito pouco letrados e sobrecarregados pelo trabalho, veneravam acima de tudo o desempenho acadêmico. A agressão física, mesmo camuflada por uniformes de atleta e

regras oficiais, e mesmo destituída do intuito de fazer qualquer mal aos judeus, não representava uma fonte tradicional de prazer em nossa comunidade — os diplomas superiores, estes sim. No entanto, por intermédio do Sueco, nosso bairro penetrou em uma fantasia acerca de si mesmo e do mundo, a fantasia dos fãs do esporte em toda parte: quase como os gentios (como imaginavam ser os gentios), nossas famílias conseguiam esquecer o modo como as coisas funcionavam na realidade e transformar uma exibição atlética no repositório de todas as suas esperanças. Principalmente, conseguiam esquecer a guerra.

O fato de os judeus de Weequahic terem elevado Sueco Levov à condição de Apolo local pode ser melhor explicado, creio eu, pela guerra contra os alemães e os japoneses e pelos temores que ela suscitava. Com o indomável Sueco no campo de jogo, a superfície insignificante da vida adquiria uma espécie de sustentação bizarra, ilusória, o feliz abandono à inocência do Sueco, levando em conta que se tratava de pessoas que viviam o tempo todo mortas de medo de nunca mais voltarem a ver os filhos, os irmãos e os maridos.

E como isso afetava o Sueco — a glorificação, a santificação de cada cesta de bandeja que ele fazia, de cada passe que ele saltava e interceptava, de cada bola rasante que rebatia com o taco até a extremidade esquerda do campo de beisebol? Seria isso que o transformava naquele rapaz de rosto circunspecto e duro? Ou a sobriedade do ar maduro seria antes a manifestação exterior de uma árdua luta interior para manter acuado o narcisismo, servido amorosamente e em grandes porções por uma comunidade inteira? As animadoras de torcida na escola secundária tinham um grito especial para o Sueco. Ao contrário dos demais gritos de torcida, dedicados a inspirar o time inteiro ou eletrizar os espectadores, aquele era um tributo rítmico, marcado com batidas dos pés no chão, unicamente para o Sueco, o entusiasmo por sua perfeição irreduzível e indômita. A alegria sacudia o ginásio nas partidas de basquete toda vez que ele pegava um rebote ou marcava um ponto, o clamor corria até o nosso lado do Estádio Municipal nas partidas de futebol americano sempre que ele ganhava uma jarda ou interceptava um passe. Em Irvington Park, mesmo nas pouco concorridas partidas locais de beisebol em que não havia nenhum grupo de animadoras de torcida sofregamente ajoelhadas na beirada do campo, ouvia-se vibrar o refrão na voz rarefeita de um punhado de robustos moradores de Weequahic sentados nas arquibancadas de madeira, não só quando o Sueco rebatia uma bola com o taco mas mesmo quando ele executava uma simples jogada rotineira

na primeira base, pondo fora de campo um jogador adversário. Era um grito de torcida que consistia em oito sílabas, quatro delas o seu nome, que soava assim: Pam pam pam *pam!* Pam pam pam... *pam!* E o ritmo, sobretudo nas partidas de futebol americano, era acelerado a cada repetição, até que, no ápice da adoração frenética, em êxtase, desencadeava-se uma explosão de vagalhões de saias tremulantes e saltos mortais com as mãos apoiadas no chão, enquanto os calções de ginástica cor de laranja das dez vigorosas e pequeninas animadoras de torcida fulguravam como fogos de artifício diante de nossos olhos maravilhados... e não por amor a você ou a mim, mas ao formidável Sueco. “Sueco Levov! Rima com... ‘Love!’... Sueco Levov! Rima com... ‘Love!’... Sueco Levov! Rima com... ‘Love!’”

Sim, para onde quer que ele olhasse, as pessoas o amavam. Os proprietários da loja de doces que nós, meninos, vivíamos infernizando, só nos diziam “Ei-você-cai-fora!” ou “Moleque-para-com-isso!”; mas a ele chamavam respeitosamente “Sueco”. Os pais sorriam e, com benevolência, dirigiam-se a ele como “Seymour”. As meninas tagarelas chegavam a desmaiar ostensivamente quando passavam por ele na rua, e as mais corajosas gritavam às suas costas “Volte, volte, Levov do meu coração!”. E ele deixava que isso tudo acontecesse, caminhava pelo bairro na posse tranquila de todo esse amor, dando a impressão de que não sentia coisa alguma. Ao contrário de toda e qualquer fantasia que o restante de nós possa ter tido a respeito do efeito intensificador em nós mesmos dessa adulação total, acrítica e idólatra, o amor despejado sobre o Sueco parecia, de fato, *privá-lo* de sentimentos. Nesse rapaz abraçado como um símbolo da esperança por tanta gente — a encarnação da força, da determinação, do brio entusiasmado que havia de prevalecer a fim de trazer sãos e salvos para casa nossos soldados, recrutados na escola secundária, de volta lá de Midway, Salerno, Cherburgo, das ilhas Salomão, das Aleutas, de Tarawa — não parecia haver uma só gota de humor ou ironia para perturbar o magnífico dom da responsabilidade.

Mas o humor ou a ironia são um peso morto para um jovem como o Sueco, uma vez que a ironia representa um consolo humano e está totalmente fora de questão para quem segue seu caminho como se fosse um deus. Ou existia todo um lado da sua personalidade que o Sueco reprimia ou que ainda se achava adormecido ou, então, o que é mais provável, não existia nada. A indiferença, a aparente passividade diante da condição de objeto do desejo de todo esse amor assexuado fazia com que o Sueco parecesse, se não divino, pelo menos situado em um patamar nitidamente acima da humanidade mais primária, à qual todos os demais no colégio pertenciam. O

Sueco se achava aprisionado pela história, era um *instrumento* da história, adorado com uma paixão que talvez nunca se teria manifestado se ele tivesse quebrado o recorde de basquetebol de Weequahic — ao fazer vinte e sete pontos contra Barringer — em outro dia que não o tristíssimo dia de 1943 em que cinquenta e oito Fortalezas Voadoras foram derrubadas por aviões de caça da Luftwaffe, duas tombaram atingidas pela artilharia antiaérea e mais cinco se despedaçaram após cruzar o litoral britânico, de volta de um bombardeio aéreo na Alemanha.

O irmão mais novo do Sueco era meu colega de turma, Jerry Levov, um magricela de cabeça miúda, estranhamente superflexível, com um talhe semelhante às varas de um pé de alcaçuz, uma espécie de mago da matemática, melhor aluno e orador da turma em janeiro de 1950. Embora Jerry nunca tenha tido uma amizade verdadeira com ninguém, a seu modo irascível e imperioso ele me dedicou sua atenção ao longo dos anos e foi assim que, a partir dos dez anos de idade, vim a ser sempre derrotado por ele no pingue-pongue, no bem-acabado porão da casa da família Levov, na esquina das ruas Wyndmoor e Keer — “acabado” significando que o porão tinha as paredes forradas com pinho nodoso, doméstico, e não, como Jerry parecia pensar, que era o lugar perfeito para acabar com a raça de um outro garoto.

O caráter explosivo da agressividade de Jerry em uma mesa de pingue-pongue ultrapassava o de seu irmão em qualquer outro esporte. Uma bola de pingue-pongue é concebida e modelada de uma forma genial para nunca vazar o olho da gente. De outro modo eu jamais teria ido jogar pingue-pongue no porão da casa de Jerry Levov. Se não fosse pela oportunidade de dizer às pessoas que eu frequentava a casa de Sueco Levov, ninguém seria capaz de me levar para aquele porão, sem ter com o que me defender, a não ser uma pequena raquete de madeira. Nada que pese tão pouco quanto uma bola de pingue-pongue pode ser letal, todavia, quando Jerry golpeava aquela bolinha, o assassinato não podia andar muito longe do seu pensamento. Nunca me ocorreu que aquela exibição de violência pudesse ter algo a ver com o que significava para ele ser o irmão mais novo do Sueco Levov. Uma vez que eu não podia imaginar nada melhor do que ser irmão do Sueco — exceto ser o próprio Sueco —, não conseguia entender que, para Jerry, devia ser difícil imaginar qualquer coisa pior do que isso.

O quarto do Sueco — onde jamais ousei entrar, mas diante do qual eu parava para espiar pela porta quando saía do quarto de Jerry para ir ao banheiro — ficava espremido embaixo do beiral nos fundos da casa. Com seu teto inclinado, suas janelas de água-furtada e suas flâmulas de

Weequahic presas nas paredes, assemelhava-se ao que eu julgava ser um verdadeiro quarto de rapaz. Através das duas janelas que davam para o quintal gramado, a gente podia ver o telhado da garagem dos Levov, onde o Sueco, quando ainda era estudante da escola primária, treinava com o taco de beisebol durante o inverno, golpeando uma bola amarrada em um cordão pendurado em uma viga no teto — uma ideia que ele deve ter tirado de um romance sobre beisebol escrito por John R. Tunis, intitulado *O garoto de Tomkinsville*. Topei com esse romance e outros livros de beisebol de Tunis — *Duke de ferro*, *Duke decide*, *A escolha do campeão*, *Garotos de Keystone*, *O melhor estreante do ano* — ao olhar com atenção para a estante embutida ao lado da cama do Sueco, todos perfilados em ordem alfabética entre dois pesados suportes de livros feitos de bronze que ele ganhara como presente de bar mitsvá, réplicas em miniatura da estátua *O pensador*, de Rodin. Fui imediatamente à biblioteca para pegar emprestado todos os livros de Tunis que pude encontrar, e comecei com *O garoto de Tomkinsville*, um romance doloroso, cativante para um menino, escrito de maneira simples, lento em certos trechos, mas direto e nobre, a respeito de um garoto, Roy Tucker, um jovem arremessador de mão firme oriundo da montanhosa zona rural de Connecticut, cujo pai morre quando ele ainda tem quatro anos e cuja mãe morre quando ele está com dezesseis, e que ajuda sua avó a ganhar o pão de cada dia trabalhando na fazenda da família durante o dia e, de noite, trabalhando na cidade, “no mercadinho do MacKenzie, na esquina da South Main”.

O livro, publicado em 1940, tinha desenhos em preto e branco que, apenas com uma pequena distorção expressionista e um bocado de precisão anatômica, ilustravam engenhosamente a dureza da vida do garoto, muito antes de o jogo de beisebol ser esclarecido por um milhão de estatísticas, no tempo remoto em que o beisebol fazia parte dos mistérios do destino humano, quando os principais atletas da liga não aparentavam ser rapagões saudáveis mas sim magros e mal alimentados trabalhadores. As ilustrações pareciam nascidas da sombria miséria da América da Depressão. A cada dez páginas mais ou menos, a fim de representar de maneira sucinta um dramático momento físico da história — “Ele conseguiu forçar um pouco mais a jogada”, “Foi parar do outro lado da cerca”, “Razzle saiu capengando para o fosso dos reservas” —, surge uma ilustração escura, carregada no preto, de um jogador magricela, de rosto sombrio, severamente delineado sobre uma página vazia, sem texto, isolado, como a alma mais solitária do mundo, tanto da natureza como dos homens, ou plantado sobre a simulação pontilhada

de um campo gramado, arrastando aos pés a esquelética estatueta de uma sombra semelhante a um verme. Ele é privado de todo glamour, mesmo vestindo um uniforme de beisebol; se é o apanhador, sua mão provida de luvas parece uma pata de animal; e o que cada imagem torna graficamente óbvio é que jogar nos times principais, por mais heroico que possa parecer, é apenas uma outra forma de trabalho fatigante e mal remunerado.

O garoto de Tomkinsville podia também se chamar *O cordeiro de Tomkinsville*, ou até *O cordeiro de Tomkinsville levado para o matadouro*. Na carreira do garoto de Tomkinsville como astro recém-chegado a um clube colocado em último lugar no campeonato, o Brooklyn Dodger, cada triunfo é recompensado com uma decepção punitiva ou um acidente arrasador. A leal amizade que se desenvolve entre o solitário e saudoso Garoto e o apanhador veterano do Dodger, Dave Leonard, que lhe ensina com sucesso como agir na liga principal e que, “com seus firmes olhos castanhos por trás da máscara”, zela por ele no decorrer de uma partida em que o adversário não tem a chance de chegar sequer à primeira base, termina brutalmente desfeita após seis semanas de torneio, quando, do dia para a noite, o veterano é retirado da lista de jogadores do clube. “Ali estava uma velocidade que raramente mencionavam no mundo do beisebol: a rapidez com a qual um jogador ascende — e decai.” Em seguida, após o Garoto ter vencido sua décima quinta partida consecutiva — um recorde absoluto para um estreante na liga principal, cifra que nenhum apanhador em qualquer liga jamais havia alcançado —, ele é derrubado por acidente, no chuveiro, quando seus colegas de equipe passaram atabalhoadamente por ele comemorando em alvoroço após uma grande vitória, e a contusão no cotovelo, que o põe fora de jogo durante o outono, termina por deixá-lo incapaz de voltar a jogar como arremessador. Ele fica no banco durante o resto do ano, como um substituto de emergência em virtude de sua força ao bater, e depois, ao longo do nevoento inverno — de volta para casa em Connecticut, passando os dias na fazenda e as noites no mercadinho, agora bem conhecido, mas de novo apenas o neto querido da vovó —, ele se exercita com afincos sob a orientação de Dave Leonard a fim de manter o nível do seu impulso do braço (“A tendência para ficar com o ombro direito um pouco mais baixo e impulsionar a bola um pouco para cima era o seu pior defeito”), amarrando uma bola em um cordão e prendendo a outra ponta no teto do celeiro, batendo na bola nas frias manhãs de inverno com o “seu adorado taco” até ficar encharcado de suor. “Pá!...” O som limpo e doce de um bastão batendo em cheio em uma bola.” Na temporada seguinte, ele está pronto para retornar aos Dodgers

como um veloz jogador do lado direito do campo, alcança 325 na segunda jogada e leva seu time a se manter na disputa do campeonato até o final. No último dia da temporada, em uma partida contra os Giants, que estão na frente mas apenas até a metade da partida, o Garoto incendeia o ataque dos Dodgers e, no fundo da décima quarta — com dois fora, dois homens em jogo e os Dodgers na frente por causa de uma corrida completada com êxito pelo Garoto, no seu estilo tipicamente arrojado e explosivo de correr —, ele executa a jogada final e salvadora, uma corrida desesperada para apanhar a bola no ar e que termina com o Garoto se esborrachando de frente no muro da lateral direita do campo. Essa proeza temerária conduz os Dodgers para o campeonato mundial e deixa o Garoto “se contorcendo em dores sobre a grama verde do campo”. Tunis conclui da seguinte forma: “A noite caiu sobre a massa dos jogadores, sobre uma enorme multidão que afluiu para dentro do campo, sobre dois homens que carregaram uma forma inerte, no meio da multidão, sobre uma padiola... Ouviu-se o ressoar de um trovão. A chuva caiu sobre o Polo Grounds”. Caiu, caiu, o ressoar de um trovão, e assim termina o Livro de Jó dos meninos.

Eu tinha dez anos e jamais lera algo semelhante. A crueldade da vida. A sua injustiça. Eu não conseguia acreditar. O membro censurável dos Dodgers é Razzle Nugent, um grande arremessador, mas beerrão e cabeça quente, um brigão violento furiosamente invejoso do Garoto. E mesmo assim não é Razzle que termina carregado “inerte” em uma padiola, mas o melhor de todos eles, o órfão chamado Garoto, criado numa fazenda, modesto, sério, casto, leal, ingênuo, intrépido, esforçado, de fala macia, corajoso, atleta formidável, um rapaz maravilhoso e austero. Nem é preciso dizer que pensei no Sueco e no Garoto como uma só pessoa e me perguntei como é que o Sueco conseguia suportar ler um livro como aquele, que me deixara à beira das lágrimas e incapaz de dormir. Se eu tivesse a coragem de falar com o Sueco, teria perguntado se ele achava que o final significava que o Garoto estava acabado para o beisebol ou se existia ainda a possibilidade de um retorno. A palavra “inerte” me aterrorizava. Será que o Garoto havia *morrido* em consequência da última jogada do ano? Será que o Sueco sabia a resposta? Será que se importava com isso? Será que tinha passado pela sua cabeça que, se um desastre como aquele podia derrubar o Garoto de Tomkinsville, a mesma coisa poderia também pôr fora de ação o grande Sueco? Ou será que um livro a respeito de um nobre astro do beisebol, bárbara e injustamente castigado — um livro sobre um inocente dotado de um enorme talento, cujo grande defeito era simplesmente manter o ombro

direito um pouco abaixado e impulsionar a bola um pouco para cima, mas que mesmo assim termina destruído pelo céu trovejante —, era apenas mais um romance na sua estante, entre aqueles suportes de livros com réplicas da estátua *O pensador*?

A avenida Keer era onde moravam os judeus ricos — ou que pareciam ricos para a maioria das famílias que ocupavam apartamentos alugados nas residências partilhadas por duas, três e quatro famílias, com varandas de tijolos inteiramente reservadas para nosso lazer depois do horário da escola: o jogo de dados, o vinte e um e o *stoop-ball*, partidas intermináveis até que a bolinha de borracha vagabunda, arremessada impiedosamente contra os degraus, rompia a costura e estourava. Aqui, nessa grade de ruas margeadas de alfarrobeiras em que a fazenda dos Lyon fora dividida no tempo da explosão de prosperidade no início dos anos 20, a primeira geração de judeus de Newark pós-imigração havia se reagrupado em uma comunidade que se inspirou antes nas características mais salientes da vida americana do que nas aldeias polonesas recriadas por seus pais, falantes do iídiche, em torno da rua Prince, na empobrecida região do Terceiro Distrito. Os judeus da avenida Keer, com seus porões bem-acabados, suas varandas protegidas com telas, a escadinha de laje na entrada, pareciam estar na vanguarda, como pioneiros audazes, mostrando-se habilitados a desfrutar as amenidades normais da vida americana. E na vanguarda da vanguarda estavam os Levov, que nos haviam concedido nosso próprio Sueco, um rapaz tão próximo de um góí quanto nós mesmos iríamos nos tornar.

Os próprios Levov, Lou e Sylvia, pelo que se podia perceber, eram pais nem mais nem menos americanos do que meu pai e minha mãe judeus, nascidos em Jersey, nem mais nem menos educados, bem-falantes e cultos do que eles. E isso, para mim, foi uma grande surpresa. A não ser pela casa onde morava uma só família na avenida Keer, não havia nenhuma distinção entre nós, como a que existia entre os camponeses e a aristocracia, conforme eu estava aprendendo na escola. A senhora Levov, como a minha mãe, era uma zelosa dona de casa, de conduta impecável, uma mulher de boa aparência, extremamente atenta aos sentimentos dos outros, com uma maneira especial de fazer seus filhos se sentirem importantes — uma das muitas mulheres dessa era que nunca sonharam em se ver livres da grande empresa doméstica centrada nas crianças. Da mãe, os dois irmãos Levov herdaram os ossos compridos e o cabelo bonito, embora, como o cabelo

**Casei com um
comunista**

Para minha amiga e editora Veronica Geng
1941-97

*Ouvi muitas canções em minha terra natal —
Canções de alegria e de tristeza.
Mas uma delas se gravou bem fundo na minha lembrança:
É a canção do trabalhador comum.
Vamos, levante e lute,
Eia! Avante!
Força, todo mundo junto,
Eia! Avante!*

“Dubinuchka”, canção popular russa.
Na década de 1940, apresentada e gravada, em russo,
pela banda e coro das Forças Armadas Soviéticas.

1.

O irmão mais velho de Ira Ringold, Murray, foi meu primeiro professor de inglês na escola secundária e foi por intermédio dele que fiquei amigo de Ira. Em 1946, Murray acabara de voltar do Exército, onde servira na décima sétima Divisão Aerotransportada, na batalha de Bulge; em março de 1945, dera o famoso pulo para o outro lado do rio Reno, que assinalou o começo do fim da guerra na Europa. Ele era, naquele tempo, um cara atrevido, desaforado, careca, não tão alto quanto Ira, mas esguio e atlético, que pairava acima de nossas cabeças num estado de vigilância perpétua. Era completamente natural em suas maneiras e atitudes, ao passo que na fala se mostrava verbalmente copioso e intelectualmente quase ameaçador. Sua paixão era explicar, esclarecer, fazer-nos compreender, e o resultado era que desmontava cada novo assunto de nossas conversas em seus componentes principais da mesma forma meticulosa como analisava frases no quadro-negro. Tinha um talento especial para dramatizar o interrogatório, lançar um poderoso feitiço narrativo mesmo quando era estritamente analítico e esmiuçar em voz alta, no seu jeito lúcido, aquilo que líamos e escrevíamos.

A par da musculatura e da inteligência ostensiva, o sr. Ringold trazia para a sala de aula uma carga de espontaneidade visceral que representava uma revelação para garotos submissos, domesticados, que ainda não

havam compreendido que obedecer às regras de decoro de um professor nada tinha a ver com o desenvolvimento mental. Havia uma importância talvez maior do que ele mesmo imaginava em seu gosto cativante de atirar o apagador em nossa direção quando a resposta que dávamos errava o alvo. Ou talvez não. Talvez o sr. Ringold soubesse muito bem que garotos feito eu precisavam aprender não só a se expressar com precisão e adquirir um discernimento mais agudo em relação às palavras, como também a ser bagunceiro sem ser burro, não ser reservado demais nem comportado demais, começar a desvencilhar os ímpetos masculinos da retidão institucional que intimidava sobretudo os garotos inteligentes.

Nós, alunos, sentíamos, no sentido sexual, a força de um professor de escola secundária como Murray Ringold — a autoridade masculina sem os embaraços da piedade — e, no sentido clerical, a vocação de um professor de escola secundária como Murray Ringold, que não estava perdido no meio da amorfa mania americana de grandeza e riqueza, um professor que — ao contrário das mulheres professoras — poderia ter escolhido ser quase qualquer outra coisa que quisesse e em vez disso escolhera, como sua profissão para o resto da vida, ser nosso. Tudo o que ele desejava, o dia inteiro, era lidar com jovens que pudesse influenciar, e o grande barato de sua vida era obter deles uma reação positiva.

Não que a impressão de liberdade deixada em mim por seu estilo arrojado de dar aula fosse aparente, na época; nenhum garoto pensava desse jeito sobre a escola ou sobre os professores ou sobre si mesmo. No entanto uma aspiração de independência social incipiente deve ter sido, até certo ponto, alimentada pelo exemplo de Murray, e eu lhe disse isso quando, em julho de 1997, pela primeira vez desde que me formei na escola secundária em 1950, o encontrei, já com noventa anos de idade, mas em todos os aspectos ainda o professor cuja missão é, realisticamente, sem autoparódia nem exageros dramáticos, personificar para seus alunos o lema do homem independente, “não estou ligando a mínima”, ensinar-lhes que não é preciso ser o Al Capone para transgredir — basta *pensar*.

— Na sociedade humana — ensinava-nos o sr. Ringold — pensar é a maior transgressão que existe.

— Pen-sa-men-to crí-ti-co — dizia o sr. Ringold, usando o nó dos dedos para martelar cada sílaba na sua mesa —, eis a subversão suprema.

Contei a Murray que ouvir isso, bem cedo na vida, de um cara másculo como ele — ver isso *demonstrado* por ele — significara, para mim, o acesso a uma classe particularmente preciosa para o crescimento, embora eu não

o compreendesse inteiramente, como aluno de escola secundária provinciana, mimado e escrupuloso, ávido de ser racional, importante e livre.

Murray, em compensação, me contou tudo o que eu, sendo garoto, não sabia e não podia ter sabido acerca da vida particular do seu irmão, uma grande infelicidade, repleta de farsa, sobre a qual Murray às vezes ficava meditando, apesar de Ira ter morrido, naquele momento, havia mais de trinta anos.

— Milhares e milhares de americanos destruídos naquele tempo, baixas políticas, baixas históricas, por causa de suas crenças — disse Murray. — Mas não me lembro de ninguém que tivesse sido destruído como aconteceu com Ira. Não foi no grande campo de batalha americano, que ele mesmo teria escolhido para a sua destruição, que isso aconteceu. Talvez, a despeito da ideologia, da política e da história, uma catástrofe genuína seja sempre, em seu cerne, um anticlímax pessoal. A vida não pode ser acusada de nenhuma deficiência quando se trata de banalizar as pessoas. Temos de tirar o chapéu para a vida, em homenagem às técnicas de que ela dispõe para despojar um homem de toda a sua relevância e esvaziá-lo completamente de seu orgulho.

Murray também contou, quando lhe perguntei, como havia se despojado da *sua* relevância. Eu conhecia a história em linhas gerais, mas sabia poucos detalhes porque comecei meu serviço militar — e em seguida fiquei longe de Newark durante anos — depois que me formei na faculdade, em 1954, e os tormentos políticos de Murray só se desencadearam a partir de maio de 1955. Começamos com a história de Murray e foi só no fim da tarde, quando perguntei se gostaria de ficar para jantar, que ele pareceu sentir, em consonância comigo, que nossas relações haviam passado para um plano mais íntimo e que não seria impróprio ele ir em frente e falar abertamente do irmão.

Perto de onde moro, no oeste da Nova Inglaterra, uma pequena universidade chamada Athena promove uma série de programas de verão para idosos, com uma semana de duração, e Murray se matriculou como aluno, aos noventa anos, para um curso com o título pomposo de “Shakespeare no milênio”. Foi assim que topei com ele no centro da cidade, no domingo em que chegou — não o tendo reconhecido, tive a sorte de ele me reconhecer —, e foi assim que passamos seis noites juntos. Foi assim que, dessa vez, o passado se manifestou, sob a forma de um homem muito velho cujo talento consistia em não ficar remoendo seus problemas mais do que eles mereciam, e que ainda não podia desperdiçar seu tempo conversando, a menos que se tratasse de coisa séria. Uma obstinação palpável conferia à sua pessoa uma

plenitude indestrutível, e isso apesar da poda radical executada pelo tempo em seu velho físico atlético. Olhando para Murray enquanto falava naquele seu jeito meticuloso e desembaraçado tão meu conhecido, pensei: Aí está — a vida humana. Eis a capacidade de resistir.

Em 1955, quase quatro anos depois de Ira entrar na lista negra do rádio por ser comunista, Murray foi despedido do cargo de professor pelo Conselho de Educação por recusar-se a cooperar com o Comitê de Atividades Antiamericanas do Congresso quando ele esteve em Newark para quatro dias de interrogatórios. Foi reempossado, mas só depois de uma luta jurídica de seis anos, que terminou com uma votação de cinco a quatro no supremo tribunal do estado, reempossado com direito aos salários atrasados, subtraída a quantia que ganhara nesses seis anos como vendedor de aspirador de pó para sustentar a família.

— Quando não se sabe mais o que fazer — disse Murray, com um sorriso —, vende-se aspirador de pó. De porta em porta. Aspiradores de pó Kirby. Entorna-se um cinzeiro bem cheio em cima do tapete e depois limpa-se tudo com o aspirador. Passa-se o aspirador na casa inteira. Era assim que vendíamos o troço. Limpei com aspirador de pó metade das casas de Nova Jersey, na minha época. Olhe, eu tinha um monte de simpatizantes, Nathan. Tinha uma esposa cujas despesas médicas eram constantes e tivemos uma filha, mas fiz uma porção de bons negócios e vendi um monte de aspiradores de pó. E apesar dos problemas de escoliose de Doris, ela voltou a trabalhar. Voltou ao laboratório do hospital. Lidava com sangue. No fim, acabou diretora do laboratório. Naquele tempo não havia separação nenhuma entre o trabalho técnico e as artes médicas, e Doris fazia de tudo: retirava o sangue, lambuzava as lâminas do microscópio. Muito paciente, muito competente com um microscópio. Bem treinada. Observadora. Cuidadosa. Preparada. Costumava ir do hospital Beth Israel para casa, logo ali do outro lado da rua, e preparar o jantar ainda com o jaleco do laboratório. Nunca ouvi falar de outra família além da nossa que servisse os temperos da salada em frascos de laboratório. O frasco erlenmeyer. Mexíamos o café com pipetas. Todos os nossos copos vinham do laboratório. Quando nosso dinheiro ficou mais curto, Doris deu um jeito de equilibrar o orçamento da casa. Juntos, conseguimos tocar o barco.

— E vieram atrás de você porque era irmão de Ira? — perguntei. — Foi isso o que sempre imaginei.

— Não posso dizer com certeza. Ira achava que sim. Talvez tenham caído em cima de mim porque nunca me comportei como supunham que um

professor devesse se comportar. Talvez tivessem caído em cima de mim de qualquer jeito, mesmo sem Ira. Comecei como agitador, Nathan. Ardia de zelo para estabelecer a dignidade da minha profissão. Talvez tenha sido isso o que os irritou, mais do que qualquer outra coisa. A indignidade pessoal que tínhamos de suportar como professores quando comecei a dar aula, você nem ia acreditar. Ser tratado como criança. Tudo o que os superiores dissessem era lei. Incontestável. Você vai chegar aqui a tal hora, vai assinar o livro de ponto na hora certa. Vai passar tantas horas na escola. E será chamado para tarefas à tarde e à noite, mesmo sem estar no contrato. Todo tipo de aporrimação. A gente se sentia denegrido.

“Eu me empenhei para organizar nosso sindicato. Rapidamente, subi para a liderança do Comitê, ocupei postos executivos no conselho diretor. Eu não tinha papas na língua, às vezes, admito, era bastante falastrão. Achara que sabia todas as respostas. Mas queria que os professores ganhassem respeito. Respeito e honorários dignos por seu trabalho, e tudo isso. Os professores tinham problemas com os salários, as condições de trabalho, os benefícios sociais...

“O superintendente das escolas não ia nem um pouco com a minha cara. Eu me destacara no movimento para rejeitar a promoção dele à superintendência. Apoiei outro cara, e ele perdeu. Por isso, porque não fiz nenhum segredo de minha oposição àquele filho da mãe, ele odiava a minha cara, e em 1955 a coisa ficou preta e fui convocado para ir ao centro da cidade, ao prédio do governo federal, para uma reunião do Comitê de Atividades Antiamericanas do Congresso. Para testemunhar. O presidente do Comitê era o deputado Walter. Dois outros membros do Comitê vieram com ele. Vieram três deles, lá de Washington, com o advogado. Investigavam a influência comunista em tudo, na cidade de Newark, mas investigavam principalmente o que denominavam ‘a infiltração do partido’ nos sindicatos e no ensino. Tinham feito uma varredura em todo o país com aqueles interrogatórios — Detroit, Chicago. Sabíamos que eles estavam vindo. Era inevitável. Liquidaram nosso assunto, o dos professores, num dia, o último, uma quinta-feira de maio.

“Prestei testemunho durante cinco minutos. ‘Você é ou já foi algum dia...?’ Recusei-me a responder. Ora, por que não responde?, perguntaram. Nada tem a esconder. Por que não põe tudo em pratos limpos? Só queremos informações. É só por isso que estamos aqui. Redigimos as leis. Não somos uma corporação feita para punir. E assim por diante. Mas, em meu modo de entender a Carta de Direitos, minhas crenças políticas não eram da conta deles, e foi o que eu lhes disse: ‘Não é da conta de vocês’.

“Antes, naquela mesma semana, eles tinham ido atrás da União dos Eletricitários, o antigo sindicato de Ira, lá em Chicago. Na segunda-feira de manhã, mil membros do sindicato vieram de Nova York em ônibus fretados para fazer um piquete em frente ao hotel Robert Treat, onde os membros do Comitê estavam hospedados. O *Star-Ledger* descreveu a presença dos piqueteiros como ‘uma invasão de forças hostis ao inquérito do Congresso’. Não uma demonstração legal, garantida pelos direitos assentados na Constituição, mas uma *invasão*, como Hitler fez na Polônia e na Tchecoslováquia. Um dos deputados do Comitê declarou à imprensa — e sem o menor sinal de constrangimento com o sorrateiro antiamericanismo da sua observação — que um monte de manifestantes cantava em espanhol, prova, para ele, de que não sabiam o significado dos cartazes que portavam, que eram ‘inocentes úteis’, ignorantes manipulados pelo Partido Comunista. O sujeito tomou coragem com base no fato de que os manifestantes eram mantidos sob a vigilância do ‘esquadrão antissubversivo’ da polícia de Newark. Depois que a caravana de ônibus passou pelo condado de Hudson, no caminho de volta para Nova York, dizem que algum maioral da polícia de lá teria declarado: ‘Se eu soubesse que eram comunas, teria enfiado todo mundo na cadeia’. Essa era a atmosfera local, e era isso o que aparecia na imprensa, na época em que fui interrogado, o primeiro a ser convocado na quinta-feira.

“Quase no fim dos meus cinco minutos, em face de minha recusa em cooperar, o presidente disse que estava decepcionado de ver que um homem de minha instrução e discernimento não se mostrasse disposto a colaborar com a segurança de seu país, revelando ao Comitê aquilo que eles desejavam saber. Ouvi aquilo em silêncio. O único comentário hostil que fiz foi quando um daqueles sacanas me saiu com esta: ‘Senhor, ponho em dúvida a sua lealdade’. Eu lhe disse: ‘E eu, a sua’. O presidente me disse que, se continuasse ‘insultando’ algum membro do Comitê, me poria para fora. ‘Não temos de ficar aqui’, disse ele, ‘ouvindo suas evasivas e suas ofensas.’ ‘Nem eu’, retruquei, ‘tenho de ficar aqui ouvindo as *suas* ofensas, senhor Presidente.’ Foi o pior ponto a que a coisa chegou. Meu advogado sussurrou para eu calar a boca e esse foi o fim de minha aparição. Fui perdoado.

“Mas quando me levantei para me afastar da cadeira, um dos congressistas me chamou, creio que para provocar algum desacato de minha parte: ‘Como é que o senhor pode ser pago com o dinheiro dos contribuintes quando está obrigado, por seu maldito juramento comunista, a ensinar a doutrina soviética? Como, em nome de Deus, o senhor pode ser um homem livre e ensinar aquilo que os comunistas impõem? Por que não sai do partido

e volta para o bom caminho? Faça-lhe um apelo, retome o jeito americano de viver!’.

“Mas não mordi a isca, não lhe disse que o que eu ensinava não tinha a ver com as imposições de coisa nenhuma que não fosse literatura e redação, porém, no final, parece não ter importado muito o que eu disse ou não disse: naquela noite, na última edição de esportes, lá estava minha fuça estampada na primeira página do *Newark News*, acima da legenda ‘Testemunha se cala na devassa dos Vermelhos’, e o comentário: “Não vou engolir sua conversa fiada”, diz o membro do Comitê para o professor de Newark’.

“Ora, um dos membros do Comitê era deputado pelo estado de Nova York: Bryden Grant. Você se lembra dos Grant, Bryden e Katrina. Os americanos do país inteiro se lembram dos Grant. Pois bem, os Ringold eram os Rosenberg para os Grant. Aquele bonitão de sociedade, aquela nulidade perniciosa simplesmente destruiu nossa família. E você quer saber por quê? Porque, certa noite, Grant e a esposa estavam numa festa oferecida por Ira e Eve na rua Onze, oeste, e Ira pegou no pé de Grant do jeito que só ele sabia fazer. Grant era cupincha de Werner von Braun, ou pelo menos Ira imaginava que fosse, e ele resolveu pegar pesado com o sujeito. Grant era o exemplo acabado do cara da classe alta decadente, bem do tipo que dava nos nervos de Ira. A esposa escrevia aqueles romances populares que as senhoras devoravam e Grant ainda era colunista do *Journal-American*. Para Ira, Grant era a encarnação do rico mimado. Não conseguia suportá-lo. Cada gesto de Grant dava enjoo em Ira, e sua posição política era, para ele, abominável.

“Pois bem, aconteceu uma cena tremenda, escandalosa, Ira berrou e xingou Grant, e pelo resto da vida Ira alimentou a convicção de que uma vendeta de Grant contra nós tivera início aquela noite. Ira tinha um jeito de se expor sem disfarces. Mostrava logo a cara, não deixava nada por dizer, não precisava que ninguém lhe desse nenhum pretexto. Para vocês, esse era o magnetismo de Ira, mas era também o que o tornava repulsivo para seus inimigos. E Grant era um de seus inimigos. A briga toda demorou três minutos, mas, segundo Ira, três minutos que selaram seu destino, e o meu também. Ele tinha humilhado um descendente de Ulysses S. Grant, formado em Harvard, empregado de William Randolph Hearst, isso sem dizer que era marido da autora de *Heloisa e Abelardo*, o maior best-seller de 1938, e de *A paixão de Galileu*, o maior best-seller de 1942 — e para nós a coisa ficou preta. Estávamos acabados: ao insultar publicamente Bryden Grant, Ira desafiara não só as credenciais do marido impecável como também a inexaurível necessidade que a esposa tinha de estar com a razão.